

Edilene Ribeiro Batista¹ (UFC)

RESUMO

Frida Kahlo, pintora mexicana, em seu diário, externa, por meio de duas linguagens artísticas – a literatura e a pintura –, sua dor existencial, forjando um estilo próprio, marcado pela feição criativa. Segundo Ciribelli, a “artista desenvolveu uma linguagem pictórica pessoal, usou símbolos e circunstâncias que presidiam sua criação, resumos metafóricos de experiências concretas, imaginário rico proveniente da arte popular mexicana e da cultura colombiana” (CIRIBELLI, 2006, p.90). Associou à sua pintura, a partir de uma perspectiva pessoal e dramática, uma produção textual que aponta para a forma fragmentada de seu próprio ser, culminando em um processo catártico de descoberta de si mesma. Esse artifício acabou resultando em um íntimo autorretrato dessa mulher que conseguiu transmutar seu sofrimento em arte. Portanto, a partir do exposto, objetivamos, com esta proposta, promover uma análise interdisciplinar da literatura e da pintura produzidas por Frida Kahlo, utilizando-nos, para isso, dos recursos da memória presentes em seu **Diário**.

PALAVRAS-CHAVE: Frida Kahlo; literatura; pintura

ABSTRACT

Frida Kahlo, a Mexican painter, in her diary, extern, using two languages – the literature and the painting–, herexistencial pain, forging a own style with creativity. Ciribelli says that an “artist develops a personal and pictorial language, he uses symbols and circumstances that presided his creation, methaphorical summary of concrete experiences, rich imaginary that came by popular Mexican art and of Colombian culture” (CIRIBELLI, 2006, p.90, *our translation*). She made an association of her painting, with base in a personal and dramatic perspective, with a textual production that appoint for a fragmented form of her own being, culminating in a cathartic process of self-discovery. This artifice resulted in a intimate self-portrait of this

¹Edilene Ribeiro Batista é doutora em Literatura Brasileira (pela Universidade de Brasília - UnB), professora do curso de Letras e docente do Programa de Pós-Graduação em Letras, do Departamento de Literatura, da Universidade Federal do Ceará – UFC, em Fortaleza/Brasil. Pesquisadora na área de gênero, faz parte do GT da ANPOLL “A Mulher na Literatura” (na linha de pesquisa “Resgate”); coordena o grupo de estudo/pesquisa “Outras Vozes: Gênero e Literatura”. Autora de livros e de diversos artigos em revistas e capítulos em obras teóricas, tem participado, com comunicações orais, em diversos congressos nacionais e internacionais.

woman that could to change her pain in art. Therefore, with this research, our objective is to make aninterdisciplinar analysis of Frida Kahlo’s literature and painting, using, for this, of memory resources that are present in her **Diary**.

KEYWORDS: Frida Kahlo; literature; painting

ASPECTOS INTRODUTÓRIOS

Poder-se-ia definir a interdisciplinaridade como uma forma de superação da ideia de fragmentação do conhecimento, com o objetivo de reestabelecer, com clareza, a relação entre diversos ramos da ciência. Partindo desse pressuposto é que propomos, para este trabalho, uma análise comparativa entre literatura e pintura, tomando como base, para esse estudo, o **Diário**, de Frida Kahlo, Para atingirmos nossos objetivos, pautamos, inicialmente, nossa pesquisa, na relação entre os conceitos de memória e diário. Com o intuito de elucidarmos tais pontos, dividimos o presente artigo em partes que se complementam, a saber: **1) Aspectos Introdutórios**, em que se estabelece a estrutura e organização dessa pesquisa; **2) A Memória e suas Relações com o Diário**, tópico onde se salientam aspectos inerentes à memória e suas conexões com o texto biográfico; **3) O *Diário*, de Frida Kahlo: entre as Linguagens Literária e Plástica**, parte onde se elucidam as especificidades do **Diário**, de Frida Kahlo, analisando seus textos escritos, bem como seus textos pintados, realizando, por assim dizer, uma leitura da imagem da produção autobiográfica dessa artista. Partindo de uma pesquisa bibliográfica, pautada em estudos da memória, estabelecemos, como suporte teórico, estudiosos/as, tais como: Ciribelli (2006), Fuentes (2008), Le Goff (2003), Lowe (2008), Meneses (1992), entre outros/as. Intencionamos, com esta proposta, mostrar que a arte de Frida Kahlo foi diferenciada e original.

1. A Memória e suas Relações com o Diário

Mitologicamente, entre os gregos, a memória estava personificada pela deusa Mnemosine – mãe das nove musas do Olimpo. Ela era responsável por lembrar à humanidade os feitos heroicos do passado, presidindo a poesia lírica e inspirando testemunhos sobre os “tempos antigos”. Assim sendo, não é, pois, de se estranhar que, segundo Abbagnano, conceitualmente, memória pressuponha, por associação, a possibilidade de dispor dos conhecimentos que já ocorreram e/ou que foram adquiridos. Para Boncompagno da Signa, em seu tratado a **Rhetorica Novissima**, encontramos: “O que é memória? A memória é um glorioso e admirável dom da natureza, através do qual reevocamos as coisas passadas, abraçamos as presentes e contemplamos as futuras, graças à sua semelhança com as passadas” (apud LE GOFF, 2003, p. 447).

Segundo sua modalidade, a memória é constituída por dois momentos distintos: 1) a *retenção*, que corresponde à conservação ou persistência de fatos que já aconteceram; 2) a *lembrança*, que se constitui na capacidade de evocar casos decorridos, tornando-os atuais. Essas duas fases foram, na Antiguidade, abarcadas pelo filósofo Platão, recebendo, respectivamente, as nomenclaturas de “conservação de sensações” e “reminiscência”. Para Aristóteles, que fez uso das mesmas terminologias utilizadas na teoria platônica (já citadas anteriormente), a memória representa uma “marca” que se faz presente na alma; ela “é como um quadro que pode ser considerado ou de per si ou pelo objeto que representa” (apud ABBAGNANO, 1982, p. 629), podendo, também, como afirmou na medievallidade, São Tomás de Aquino, ser “o tesouro e o lugar de conservação das espécies” (apud ABBAGNANO, 1982, p. 630), o que a faz, por assim dizer, retentiva (ideia que ainda prevalece nas concepções modernas e contemporâneas).

Em seu estudo sobre a memória, Le Goff estabelece que a apreensão dessa propriedade de conservar informações implica na posse de imagens e de textos vinculados ao passado, o que representa, de certa forma, uma “apropriação do tempo” e de seus vestígios, mas de maneira ordenadamente revisitada, relida e/ou reconstituída. A esse respeito, sublinha Vernant: “A memória, distinguindo-se do hábito, representa uma difícil invenção, a conquista progressiva pelo homem do seu passado individual; como a história constitui, para o grupo social, a conquista do seu passado coletivo” (apud LE GOFF, 2003, p.432).

No campo da memória textual, será, no século, XX, que ela se expandirá, na Filosofia e na Literatura, sob a forma de memória romanesca, reestabelecendo o vínculo entre mito, história e romance, sinalizando, pois, para a importância do estudo de questões, tais como: a resgatabilidade da memória e a marginalização do esquecimento. Na retomada desses assuntos observamos o papel fundante do tempo presente como fator necessário na recordação do passado. Afinal, “a elaboração da memória se dá no presente e para responder a solicitações do presente. É do presente, sim, que a rememoração recebe incentivo, tanto quanto as condições para se efetivar” (MENESES, 1992, p.11), tornando-se portadora de sentido. Há, pois, por assim dizer, uma ação do tempo presente no que se refere à memória. A esse respeito, afirma Meneses: “A memória é filha do presente. Mas, como seu objeto é a mudança, se lhe faltar o referencial do passado, o presente permanece incompreensível e o futuro escapa a qualquer objeto” (MENESES, 1992, p.14).

Necessitando, portanto, de presente e passado, as lembranças podem evocar eventos narráveis a partir, entre outras perspectivas, do ponto de vista individual. Nesse sentido, observamos que, no que tange à análise das mentalidades, a contribuição das histórias de vida (como a exposta por Frida Kahlo, em seu **Diário**) tem colaborado com o processo psico-social de representação de indivíduos, bem

como com a reprodução de situações vinculadas aos ambientes privado e público, cooperando, por fim, entre outras questões, com a formação das identidades individual e coletiva pelas legitimações que produz.

Dentre os suportes da memória, em seu desdobramento escrito, encontram-se os registros em diário (do latim *diariu(m)*, razão diária; *die(m)*, dia) – gênero discursivo que documenta, cotidianamente, os acontecimentos. Ele se volta para o íntimo (dando continuidade a uma sensibilidade particular) e também, para o externo uma vez que “o sujeito que escreve deve distinguir sua história própria (os acontecimentos sucessivos de sua vida social ou interior) do *continuum* mais ou menos organizado das temporalidades às quais está preso” (HÉBRARD, 2000, p.30). Sendo assim, a escritura pessoal articula as singularidades individuais e o tempo social: em um processo dinâmico. Isso porque

uma autobiografia nunca é estática, nem se desenvolve pela simples adição de elementos novos na sequência do tempo, mas comporta contínuas reestruturações de eventos passados. E, ainda que se mantenham os núcleos fundamentais, os fios condutores, as contingências do presente se integram a todas as dimensões da narrativa (MENESES, 1992, p. 11).

Difundido a partir do século XVI, será somente, no século XIX, que o diário (concebido, até então, como crônica do mundo” e “crônica de si”) se deslocará da tradição e ganhará o sentido de “diário íntimo”, carregado de interesse literário, como se verá na análise seguinte sobre o **Diário**, de Frida Kahlo.

2. O *Diário*, de Frida Kahlo: entre as Linguagens Literária e Plástica

Nada hay absoluto
Todo se cambia, todo
se mueve, todo revo-
luciona – todo
vuela e va.
Frida Kahlo

El Diario de Frida Kahlo: um Íntimo Autorretrato é constituído por 170 páginas, sete aquarelas, desenhos, esboços e inúmeras anotações escritas (com tintas de cores vibrantes) que, de maneira visualmente atrativa, narram, de forma não linear, os dez últimos anos de vida dessa artista – o período compreendido entre 1944 e 1954. Manchas de tintas estão presentes em todo o **Diário**. Isso porque Frida Kahlo faz conexões entre a tinta e o sangue, ilustrando sua criatividade e, como afirma Sarah M. Lowe, a “produtividade” feminina: “¿Quien diria que las manchas/viven y ayudan a vivir?/Tinta, sangre, olor” (KAHLO, 2008, p.227).

Filha do fotógrafo Guillermo Kahlo e de Matilde Calderón, Magdalena Carmen **Frida Kahlo** y Calderón nasceu no dia 06 de julho de 1907, em Coyoacán.

De espírito vivaz, aos 18 anos de idade, Frida era uma das poucas estudantes mulheres da “Escuela Nacional Preparatoria”, no “Antiguo Colegio de San Ildefonso”.

Em setembro de 1925, ela sofreu um acidente de ônibus que lhe provocou sérios ferimentos (fraturas na pélvis, na coluna vertebral e várias lesões graves), deixando-lhe marcas físicas e emocionais por toda a vida. Será nesse período de convalescência e recuperação que Frida Kahlo começará a pintar, necessitando, para isso, de um espelho, no teto de seu quarto, para que pudesse se olhar (no caso da produção de autorretratos).

Tendo conhecido Diego Rivera, em 1922 (quando ele pintava um mural em sua escola); será, em 1929, que contrairá matrimônio com ele.

No percurso de sua existência, dentre tantos acontecimentos que Frida Kahlo vivenciará, ela sofrerá abortos; perderá seus pais; se separará de Diego Rivera (embora venha a viver com ele, novamente, em tempo posterior); desfrutará de várias aventuras amorosas; terá uma perna amputada; abraçará a causa revolucionária e virá a falecer em 13 de julho de 1954. A respeito dessa artista, Carlos Fuentes dirá: “Frida Kahlo era uma Cleopatra quebrada que escondia su cuerpo torturado, su pierna seca, su pie baldado, su corsés ortopédicos [...]. Frida Kahlo, diciéndonos a todos los presentes que El sufrimiento no marchitaría, ni la enfermedad haría rancia, su infinita variedad femenina” (In: KAHLO, 2008, p.8).

Seu **Diario** apresenta temas, tais como: a loucura, seu interesse por arranjos florais, a maternidade não alcançada, entre outros. A respeito de sua trajetória, a própria artista dirá:

Esquema de mi vida.
1910. – Naci en el cuarto
dela esquina entre Londres
y Allende Coyoacán.
A la uma de la maña
na [...]
[...] Guillermo Ka-
hlo [...]
[...] El, emigró
a Mexico em el siglo 19.
Radicó aqui siempre toda
su vida. Se casó com uma
muchacha mexicana, ma-
dre de mis hermanitas
Luisita y Margarita.
Al morir muy joven su seño

ra se casó com mi madre
Matilde Claderón y Gonzalez,
[...]
(KAHLO, 2008, p.281)

Enfim, Frida Kahlo representa uma mulher de seu tempo (talvez, até mesmo além de seu tempo), mesclando, em sua pintura, a arte popular mexicana e a cultura colombiana, sendo capaz de retornar às suas origens de maneira transformada.

A tendência surrealista² não será esquecida por ela. Paira por sobre sua pintura uma certa atmosfera onírica. Sendo assim, essa vanguarda prevalecerá em seu **Diário**, embora a própria artista afirme: “Yo nunca He pintado mis sueños. Sólo he pintado mi propia realidad” (KAHLO, 2008, p.287). Entretanto, já na primeira página de sua obra autobiográfica, encontramos prenúncios surrealistas que se manifestarão, dentre outros recursos, por uma certa despreocupação, por parte da Autora, com as construções textuais consideradas “racionalistas”. Ela exaltará os sentidos, o cromatismo, apoiando-se em estruturas sinestésicas e na escrita automática. Ilustrará as metamorfoses e evocará o fantástico. Sua pintura provocará, no espectador, ao mesmo tempo, repulsa e fascinação. Isso porque a obra de Kahlo comprova, segundo Fuentes, que “la imaginación es capaz de fundar, si no el mundo, *si* um mundo” (In: KAHLO, 2008, p.287).

É na linguagem plástica que Frida Kahlo se vê como artista. Os inúmeros autorretratos desenhados, por ela, em seu **Diário**, constituem, para Lowe, “manifestaciones de su necesidad de mostrar los diversos aspectos de su personalidad” (In: KAHLO, 2008, p.228), em uma espécie de “procura de si mesma”. Afirma Frida: “... Nacemos para/lo mismo. Querer descubrir/amar lo descubierto. oculto./Com el

²Sobre o Surrealismo, afirma Carlos Fuentes: “Para el surrealismo, la revolución interior, psíquica, onírica, era inseparable de la revolución externa, política, material, liberadora. El matrimonio de Marx y Freud” (In: KAHLO, 2008, p.18).

dolor de siempre perdelo./Eres bello. tu beleza yo te la/doy. Suave em tu enorme tris/teza. Amargura simple” (KAHLO, 2008, p.230).

Na busca da autodescoberta, Frida percebe-se desintegrada. Diz ela: “Yo soy/la DESINTEGRACIÓN”. E para comprovar tal assertiva, desenha-se com o aspecto de uma marionete com membros desarticulados, tentando firmar-se sobre uma coluna clássica. Partes de seu corpo encontram-se em pedaços; portanto, a figura pintada reflete equilíbrio precário (vide KAHLO, 2008, p.225). Esse sentimento de desagregação perpassará pela criação artística dessa pintora e trará à tona, muitas vezes, desenhos de partes de seu corpo, tal como seu pé enfermo – símbolo de sofrimento. Por fim, a dor de existir será constante em sua escritura:

[...]
 Alguien - algo – nos
 Proteje siempre dela
 verdad – Nuestra
 propia ignorância
 y nuestro miedo.
 Miedo a todo – miedo
 a saber que nos somos
 outra cosa que
 vectores dirección
 construcción y destrucción
 para ser vivos, y
 sentirla angustia de
 esperar al minuto
 siguiente...
 (KAHLO, 2008, p.249)

Sentindo-se desconstruída, é no amor por Diego Rivera que Frida Kahlo encontrará alento: “Amo a Diego más/ que a mi mesma./ Mi voluntad es grande/ Mi voluntad permanece./ Gracias al amor mag- nífico de Diego...” (KAHLO, 2008, p.

278). A Rivera, Frida devotará um amor tanto físico quanto espiritual. Sendo assim, em seu **Diário**, encontraremos inúmeras cartas amorosas para esse homem que lhe provocava, ao mesmo tempo, angústia e desejo:

Diego principio
 Diego constructor
 Diego mi niño
 Diego mi novio
 Diego pintor
 Diego mi amante
 Diego “mi esposo”
 Diego mi amigo
 Diego mi madre
 Diego mi padre
 Diego mi hijo
 Diego = Yo =
 Diego Universo
 Diego em la unidad
 (KAHLO, 2008, p. 235)

No texto acima, em um processo de livre associação, Frida Kahlo externa sua veneração por Diego Rivera – seu “*amor de miles años*” (KAHLO, 2008, p. 254).

Outra temática presente no **Diário**, de Frida Kahlo, é a revolução. Para Ciribelli, a “arte e a política sempre foram dois elementos constantes na vida de Frida. A pintora sempre lutou por suas ideias políticas e pela liberdade de expressão e de opinião” (CIRIBELLI, 2006, p. 95). Assim, será por meio de sua participação no movimento revolucionário que essa artista se sentirá viva. Sua convicção no que faz e acredita devolve-lhe o ânimo e a energia. Diz a pintora:

[...]
 Debo luchar com todas
 mis fuerzas para que

lo poco de positivo que
mi salud me deje
hacer sea em dirección
a ayudar a la revolución.
La única razón real para vivir
(KAHLO, 2008, p. 252)

Embora marcada pelo sofrimento, Frida Kahlo não desiste de lutar pela vida e por suas crenças. Seu **Diário** é a prova disso. Não é pois, à toa, que a capa da sua obra autobiográfica apresente a seguinte escritura: “*Te vas? No./ ALAS ROTAS*”. Essas palavras externam a vulnerabilidade da artista que, mesmo em frente à dor, à mutilação apresenta-se determinada a prosseguir. Diz Fuentes: “... ella, La mujer irremplazable, la irrepitable mujer que llamamos Frida Kahlo, *está rota*, desgarrada en el interior de su cuerpo...” (In: Kahlo, 2008, p. 10 *grifonosso*). Frida havia perdido muito na vida, sua perna tinha sido amputada mas, ainda assim, expressa: “Pies para qué los quiero/ Si tengo alas pa’ volar./ 1953” (KAHLO, 2008, p. 274).

Conclusão

Como visto acima, o **Diário**, de Frida Kahlo, mescla, enfim, poesia e agonia, ventura e dor, resistência ao sofrimento e amor pela vida:

Viernes 30 de enero de 1953.
a pesar de mi larga
enfermedad, tengo
alegría inmensa
de
VIVIR
MORIR
(KAHLO, 2008, p. 257)

O **Diário**, de Frida Kahlo, constitui o documento que revela a mais íntima expressão de seus sentimentos. Sobre ele, afirma Fuentes:

En la medida en que su esperanza era su arte y su arte su cielo, el **Diario** de Frida es su más grande esfuerzo por salvar el abismo de su cuerpo adolorido con la gloria, el humor, la fertilidad y la conexión con el mundo externo. Pintó su ser interior, su soledad, como pocos artistas lo han hecho. El **Diario** la conecta con el mundo mediante la consciencia, magnífica y misteriosa, de que todos nos dirigimos hacia nosotros mismos, como lo escribe ella, a través de millones de seres piedras-seres-aves-seres estrella-seres microbio, los surtidores de nuestro propio ser (In: KAHLO, 2008, p. 24).

Ao invés de cair em autocomiseração, Frida Kahlo, em uma espécie de catarse de autoconhecimento, aceita apoderar-se de “saúde”, mostrando que podia ser agente por mais difícil e impossível que fosse, de sua própria história. Afirma Ciribelli: “Frida Kahlo forjou na própria carne dilacerada seu estilo de ser, sua transcendência e sua feição criativa” (CIRIBELLI, 2006, p. 89). Sua pintura refletia uma linguagem pictórica pessoal repleta, dentre outros recursos, da presença de símbolos, de metáforas e de imagens mentais que revelavam seu mundo interior. Seu corpo, sua dor e sua realidade foram testemunhados em criatividade. A arte tornou-se seu bálsamo.

Seu **Diário** é uma fonte primária para estudiosos que desejam conhecer melhor Frida Kahlo – “a Alma do México”, e admirar “a extraordinária pintora que marcou profundamente a História da Arte da América e que também foi uma das grandes pioneiras do Movimento Feminista do Século XX” (CIRIBELLI, 2006, p. 96).

Por fim, tendo em vista o seu valor artístico, em 1983, a obra de Frida Kahlo foi declarada patrimônio nacional. Mediante sua arte, Frida parece ter chegado a um

acordo com a sua própria realidade: “... lo horrible, lo doloroso, puede llevarnos a la verdad del conocimiento de nosotros mismos” (In: KAHLO, 2008, p.16).

REFERÊNCIAS

ABBAGNANO, Nicola. *Dicionário de Filosofia*. São Paulo: Mestre Jou, 1982.

CIRIBELLI, Marilda Corrêa. “Frida Kahlo: Amor-Paixão e Desamparo” In: *Mulheres Singulares e Plurais: Sofrimento e Criatividade*. Rio de Janeiro: 7Letras, 2006.

HÉBRARD, Jean. “Por uma Bibliografia Material das Escrituras Ordinárias: a Escritura Pessoal e seus Suportes” In: CUNHA, Maria Teresa Santos; BASTOS, Maria Helena Camara; MIGNOT, Ana Chrystina Venâncio (Orgs.). *Refúgios do Eu: Educação, História e Escrita Autobiográfica*. Florianópolis: Editora Mulheres, 2000.

KAHLO, Frida. *El Diario de Frida Kahlo: um Íntimo Autorretrato*. Introdução de Carlos Fuentes. Ensaios e Comentários de Sarah M. Lowe. Hong Kong: Midas Printing, 2008.

LE GOFF, Jacques. “Memória” In: *História e Memória*. São Paulo: Editora da UNICAMP, 2003.

MENESES, Ulíano T. Bezerra de. “A História, Cativa da Memória?” Para um Mapeamento da Memória no Campo das Ciências Sociais” In: *Revista do Instituto de Estudos Brasileiros*. São Paulo, 34: 9-24, 1992.

Uma Visita el Mundo de Frida Kahlo. México Interactivo, 2007.

Recebido: 20.09.2015 – **Aprovado:** 11.11.2015